

Previsão otimista para a siderurgia

Para completar o programa siderúrgico ambicioso herdado de governos passados, faltam quantos bilhões de dólares? E quanto tempo falta para concluir esses projetos?

O programa siderúrgico brasileiro foi lançado há seis ou sete anos, com a plena consciência de que o Brasil tem vocação natural de ser um grande parque siderúrgico para o mundo. Ou seja, na década de 80/90, pode ser o grande fornecedor de aço do mundo. Isso está confirmado hoje, porque no mundo todo se fecham agora dezenas de milhões de toneladas de capacidade em usinas, não por desequilíbrio da oferta e da procura, mas por absoluta ineficiência operacional das usinas, seja por obsolescência técnica, seja por obsolescência institucional, seja por localizações inadequadas, seja por dificuldades de matéria-prima, seja por problema de poluição em cidades congestionadas, etc.

Então, em termos estruturais, o parque siderúrgico brasileiro tem todas as condições de êxito, de sucesso. Em termos conjunturais, no momento, passa por uma bravíssima crise, resultante de excesso de oferta no mercado, por causa da entrada do Brasil, do Japão, da Coreia do Sul. Esta fase está terminando, porque daqui a um, dois ou três anos a capacidade produtora mundial estará reduzida de 150 milhões de toneladas. A constatação absoluta desse fato leva a que o governo brasileiro, no momento, tenha tomado a decisão irreversível de acabar os projetos tão rapidamente. Ainda ontem eu ouvia do ministro Delfim a confirmação de que é necessário acabar os projetos siderúrgicos.

Traduzindo em dólares, quanto falta?

É difícil responder. O programa não tem limites físicos extremamente definidos. Essas usinas consistem de etapas sucessivas: um dia entra a máquina, outro dia entra outra máquina, outro forno, enfim, é um processo que nunca acaba. Acabada uma etapa, imediatamente provoca

uma outra etapa, isto porque as unidades nunca são iguais.

A grosso modo, esse programa siderúrgico em expansão que consiste da ampliação da CNS, da ampliação da Açominas, Tubarão, da Cosipa, e ampliação de unidades menores, é um programa da ordem de 16 bilhões de dólares, a valores de hoje, dos quais estão faltando cerca de 15% para terminar as etapas principais, basicamente. Está previsto, nos próximos dois ou três anos, o término dessas etapas todas. Mas elas não terminam em si, continuam sempre, provocam sempre novos programas.

Têm havido estoques bem elevados de álcool ultimamente, talvez motivados pelo excesso de gasolina existente. O Proálcool é um programa já garantido? Aquelas metas de 10,5 bilhões de litros por ano numa etapa e, depois, mais do que isso: tudo isso está consolidado?

O Proálcool foi um programa lançado quando o petróleo estava a 12 dólares o barril, e com o conceito básico, nas minhas palavras, de redução da vulnerabilidade nacional, quando o álcool custaria muito mais que o petróleo.

Hoje, o álcool tem um ponto de competição com o petróleo da ordem de 34 dólares o barril, com todos os custos reais incluídos na economia nacional. Esse ponto de competição de 34 dólares o barril de petróleo torna o álcool plenamente competitivo com o petróleo atual, que não recebe tarifas aduaneiras.

Pulsações episódicas do preço do petróleo abaixo de 34 dólares, como as que estão ocorrendo agora não afetam em nada o Programa do Alcool porque ele é um programa permanente com usinas que durarão, no mínimo, 40 anos, e ninguém tem a menor idéia do que será o mercado do petróleo daqui a cinco ou dez anos. O Programa do álcool está garantido pelo menos para 40 anos, em termos de usinas.

No momento, competindo a 34 dólares o barril de petróleo, ele já substitui — para surpresa de muita gente — 33% da gasolina no Brasil,

ou seja, 33% da quilometragem percorrida por veículos leves no Brasil são sustentados a álcool. Isso foi resultante de, primeiro, 20% da mistura em toda frota brasileira, segundo, de uma frota já perto de 700 mil carros a álcool, dos quais 600 e poucos mil novos e 80 mil convertidos. Isso representa cerca de 33% da quilometragem rodada no Brasil por veículos leves. E a economia de divisas já chega a qualquer coisa em torno de US\$ 1,5 bilhão por ano.

Foi bom o Brasil ir ao FMI?

O governo, com o sem FMI, teria de tomar as mesmas posições que tomou. Estão tomadas as atitudes para o reencontro com a nossa nova realidade. O paciente foi examinado e está agora sob tratamento e aceitando o tratamento não como um mal, mas como uma necessidade. E se é necessário, é bom.

O sr. acha possível chegar a um acordo sobre cotas de exportação de açúcar e aço, a exemplo do que foi conseguido para o café?

Estou muito convicto de que vou conseguir acordos razoáveis em açúcar e aço. Não talvez com a mesma facilidade de tempo como ocorreu com o café. Vai ser mais demorado, mas vamos conseguir.

O Brasil não pode barganhar a sua condição de grande devedor?

Acho que o mundo industrializado credor deverá reunir-se em grandes entendimentos de cúpula e estabelecer mecanismos preferenciais para o mundo devedor poder ter grandes superávits comerciais. Ou isso se faz, ou terão de nos oferecer novos créditos subsidiados, favorecidos, que apenas adiarão o problema.

É evidente que o Brasil, por exemplo, teve grande sucesso agora. Primeiro, por ter conseguido tomar 80 bilhões de dólares emprestado; segundo, por ter conseguido renegociar isso tempestivamente; e terceiro, o Brasil espera que o mundo industrializado realmente compreenda que o problema financeiro se resolverá por intermédio do comércio e crie mecanismos preferenciais de comércio ao público devedor.